

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ODONTOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Maria Clara Fernandes Ribeiro Dantas

**Experiência de professores de Odontologia do Brasil no ensino de
pessoas com deficiência: um estudo transversal**

Juiz de Fora

2026

Maria Clara Fernandes Ribeiro Dantas

**Experiência de professores de Odontologia do Brasil no ensino de
pessoas com deficiência: um estudo transversal**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Odontologia da
Faculdade de Odontologia da
Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Odontologia. Área de
concentração: Clínica Odontológica.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Almeida Ribeiro Scalioni

Juiz de Fora

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fernandes Ribeiro Dantas, Maria Clara .

Experiência de professores de Odontologia do Brasil no ensino de pessoas com deficiência: um estudo transversal / Maria Clara Fernandes Ribeiro Dantas. – 2026.

55 f. : il.

Orientador: Flávia Almeida Ribeiro Scalioni

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Odontologia. Programa de Pós-Graduação em Odontologia, 2026.

1. Odontologia. 2. Pessoas com Deficiência. 3. Educação Inclusiva. I. Almeida Ribeiro Scalioni, Flávia, orient. II. Título.

Maria Clara Fernandes Ribeiro Dantas

Experiência de professores de Odontologia do Brasil no ensino de pessoas com deficiência: um estudo transversal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Odontologia. Área de concentração: Clínica Odontológica

Aprovada em 16 de setembro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Flávia Almeida Ribeiro Scalioni Gonzalez - Orientadora e Presidente da Banca
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof.ª Dr.ª Fernanda Campos Machado - Membro titular interno
Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF

Prof.ª Dr.ª Camila Faria Carrada - Membro titular externo
Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora - SUPREMA

Juiz de Fora, 15/08/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Flávia Almeida Ribeiro Scalioni Gonzalez, Professor(a)**, em 16/09/2026, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Campos Machado, Professor(a)**, em 16/09/2026, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Faria Carrada, Usuário Externo**, em 16/09/2026, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **3148315** e o código CRC **4003E55B**.

Aos meus pais, **Mario e Mônica**, por serem meu porto seguro e a razão
de eu nunca desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder força, sabedoria e serenidade ao longo desta caminhada. Obrigada por iluminar meus passos, renovar minha esperança nos momentos de dificuldade e me permitir chegar até esta conquista.

Aos meus pais, **Mario e Mônica**, por serem os primeiros a sonhar comigo e os últimos a desistirem de mim. Obrigada por transformarem cada sonho meu em um sonho de vocês, por acreditarem no meu potencial mesmo quando os caminhos pareciam distantes e por fazerem do amor, do cuidado e da confiança a base da minha vida. Nenhuma conquista é verdadeiramente individual, e esta carrega, em cada página, um pouco da dedicação, dos ensinamentos e do amor que sempre recebi de vocês. Esta dissertação também é de vocês.

Ao meu parceiro, **Harry**, por compartilhar comigo muito mais do que esta caminhada acadêmica. Obrigada por compreender minhas escolhas, celebrar cada conquista, oferecer apoio nos momentos de incerteza e tornar os dias mais leves com sua presença. Seu amor, companheirismo e incentivo fizeram toda a diferença ao longo desta trajetória.

Ao meu sobrinho, **Nicolas**, com muito carinho, por sua presença tão especial em minha vida. Que esta conquista também possa inspirá-lo a acreditar que, com dedicação e perseverança, os sonhos podem se tornar realidade.

À minha querida orientadora, **Prof.^a Dr.^a Flávia Almeida Scalioni**, expresso minha mais profunda gratidão pela confiança, pelos ensinamentos e pela dedicação ao longo desta trajetória. Obrigada por acreditar no meu potencial e por contribuir de maneira tão significativa para minha formação como pesquisadora. Sua orientação, competência e generosidade foram fundamentais para a realização deste trabalho e para o desenvolvimento do olhar crítico e científico que levarei para toda a minha carreira.

À querida **Prof.^a Dr.^a Camila**, minha sincera gratidão por todos os ensinamentos, pelo carinho e pelo incentivo desde a graduação. Foi por meio do seu exemplo, da sua dedicação e da paixão com que conduz a docência e a pesquisa que despertei o desejo de seguir a vida acadêmica. Obrigada por acreditar em mim e por ter sido uma das grandes inspirações para que eu ingressasse no mestrado.

À querida **Prof.^a Dr.^a Cristiane**, agradeço de coração pelo acolhimento, pela disponibilidade e pela generosidade com que compartilhou seus conhecimentos. Sua presença ao longo desta pesquisa foi um presente. Obrigada por cada orientação, por cada palavra de incentivo e pelo cuidado com que acompanhou este trabalho. Sua dedicação e carinho foram fundamentais para a construção desta dissertação e para o meu crescimento como pesquisadora.

À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ao Programa de Pós-Graduação em Odontologia (PPGO/UFJF) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela oportunidade, pelo apoio e pelos recursos que possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória e contribuíram para que este momento se tornasse realidade. Meu sincero muito obrigada.

Dantas, M.C.F.R.D. **Experiência de professores de Odontologia do Brasil no ensino de pessoas com deficiência: um estudo transversal**. Juiz de Fora (MG), 2026. Defesa de Dissertação (Curso de Mestrado em Odontologia) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal de Juiz de Fora.

RESUMO

A inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior, especialmente nos cursos de Odontologia, enfrenta desafios relacionados à formação docente, às práticas pedagógicas e às condições institucionais. Este estudo transversal analítico teve como objetivo investigar a experiência de professores de Odontologia do Brasil no ensino de estudantes com deficiência. Participaram 464 docentes, com idade média de 44,4. A coleta foi realizada por questionário online, elaborado com base na literatura e adaptado ao contexto da Odontologia, composto por 22 perguntas. O recrutamento ocorreu por diferentes estratégias de divulgação. Os dados foram analisados no software Jamovi, por meio de estatística descritiva e inferencial, utilizando os testes qui-quadrado, exato de Fisher, ANOVA de Welch e Games-Howell, além de regressão logística binária múltipla. A maioria dos docentes era do sexo feminino (64,7%), possuía doutorado (73,1%) e atuava em instituições privadas (50,2%). A maioria não possuía experiência prévia no ensino de estudantes com deficiência (60,1%), não havia recebido treinamento específico (77,2%) e não participava de programas institucionais de inclusão (76,1%). Embora 58,0% relatassem conhecimento sobre as dificuldades e habilidades desses estudantes, apenas 37,1% realizavam adaptações clínicas. Entre as adaptações pedagógicas, destacaram-se modificações no método (28,0%) e nos materiais (22,6%). A experiência docente esteve associada ao nível de escolaridade, treinamento, conhecimento e participação em programas de inclusão ($p < 0,001$). Na regressão logística múltipla, treinamento (OR=3,04; IC95%: 1,78–5,20), participação em programas de inclusão (OR=2,03; IC95%: 1,20–3,44), conhecimento (OR=3,61; IC95%: 2,11–6,19) e idade (OR=1,022; IC95%: 1,00–1,04) permaneceram associados à experiência ($p < 0,05$).

Palavras-chave: Odontologia; Pessoas com Deficiência; Educação Inclusiva;

Dantas, M.C.F.R.D. **Experience of Brazilian Dentistry Faculty in Teaching Students with Disabilities: A Cross-Sectional Study**. Juiz de Fora (MG), 2026. Master's Dissertation (Graduate Program in Dentistry) – School of Dentistry, Federal University of Juiz de Fora.

ABSTRACT

The inclusion of students with disabilities in higher education, particularly in Dentistry programs, faces challenges related to faculty training, pedagogical practices, and institutional conditions. This analytical cross-sectional study aimed to investigate the experience of Brazilian Dentistry faculty in teaching students with disabilities. A total of 464 faculty members participated, with a mean age of 44.4 years. Data was collected through an online questionnaire, developed based on the literature and adapted to the context of Dentistry, comprising 22 questions. Recruitment was conducted through different dissemination strategies. Data were analyzed using Jamovi software through descriptive and inferential statistics, using the chi-square test, Fisher's exact test, Welch's ANOVA, and Games-Howell test, in addition to multiple binary logistic regression. Most faculty members were female (64.7%), held a doctoral degree (73.1%), and worked at private institutions (50.2%). Most had no previous experience teaching students with disabilities (60.1%), had not received specific training (77.2%), and did not participate in institutional inclusion programs (76.1%). Although 58.0% reported knowledge of the difficulties and abilities of these students, only 37.1% reported making clinical adaptations. Among pedagogical adaptations, modifications to teaching methods (28.0%) and materials (22.6%) were the most frequent. Teaching experience was associated with educational level, training, knowledge, and participation in inclusion programs ($p < 0.001$). In multiple logistic regression, training ($OR=3.04$; 95%CI: 1.78–5.20), participation in inclusion programs ($OR=2.03$; 95%CI: 1.20–3.44), knowledge ($OR=3.61$; 95%CI: 2.11–6.19), and age ($OR=1.022$; 95%CI: 1.00–1.04) remained associated with teaching experience ($p < 0.05$).

Keywords: Dentistry; People with Disabilities; Inclusive Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Fluxograma da metodologia empregada no estudo	16
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Características dos professores de Odontologia. Brasil, 2026 (N=464)....	21
Tabela 2. Experiências dos professores de Odontologia do Brasil e infraestrutura institucional. Brasil, 2026 (N=464).....	22
Tabela 3. Adaptações realizadas pelos professores de Odontologia do Brasil. Brasil, 2026 (N=464).	23
Tabela 4. Associações entre a experiência dos docentes e as variáveis independentes. Brasil, 2026.	25
Tabela 5. Comparação da idade segundo variáveis estudadas. Brasil, 2026.....	27
Tabela 6. Modelo de regressão logística binária múltipla para fatores associados à experiência docente relacionada ao ensino de estudantes com deficiência.	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
MEC	Ministério da Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
P	Nível descritivo
N	Número da amostra
AUC	Area Under the Curve
DP	Desvio padrão
IC95%	Intervalo de confiança de 95%
OR	Odds Ratio
PNE	Pacientes com Necessidades Especiais
ROC	Receiver Operating Characteristic
UDI	Universal Design for Instruction
UDL	Universal Design for Learning
VIF	Variance Inflation Factor
EP	Erro padrão

LISTA DE SÍMBOLOS

%	Percentual
+	Mais
±	Mais ou menos
=	Igual
≤	Menor ou Igual
<	Menor que
>	Maior que
χ^2	Qui-quadrado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROPOSIÇÃO	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3 MATERIAIS E MÉTODOS	15
3.1 ASPECTOS ÉTICOS	15
3.2 DESENHO DO ESTUDO	15
3.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO	16
3.4 COLETA DE DADOS	18
3.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA	19
4 RESULTADOS	20
5 DISCUSSÃO	29
6 CONCLUSÃO	34
7 FINANCIAMENTO	34
8 REFERÊNCIAS	35
9 APÊNDICES	40
9.1 APÊNDICE 1	40
9.2 APÊNDICE 2	42
10 ANEXOS	47
10.1 ANEXO A	47

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, políticas públicas como o Programa Universidade para Todos (ProUni), as leis de ação afirmativa e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) favoreceram a ampliação do acesso ao ensino superior. Entretanto, o crescimento da presença de estudantes com deficiência nesse espaço ainda é limitado e marcado por desafios. Entre 2009 e 2018, o número de estudantes com deficiência no ensino superior aumentou de 23.135 para 59.496 (CABRAL et al., 2020). Apesar da crescente atenção à inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior, ainda são escassos os estudos que investigam especificamente a experiência de professores de Odontologia no ensino desse público, evidenciando uma lacuna na literatura.

Embora o acesso tenha aumentado, a permanência e o sucesso acadêmico desses estudantes ainda dependem de ações institucionais mais estruturadas. No curso de Odontologia, esse cenário torna-se ainda mais desafiador em razão das especificidades da formação clínica e prática, que podem ampliar as barreiras enfrentadas por estudantes com deficiência (GOLDEN; PETTY, 2022; JARUS, 2023; NASCIMENTO et al., 2019).

Os obstáculos pedagógicos representam impasses significativos para a inclusão desses estudantes. Nesse sentido, garantir apenas o ingresso no curso não é suficiente, sendo fundamental assegurar condições que promovam a permanência, a participação e uma formação de qualidade ao longo da trajetória acadêmica (JARUS, 2023; MAJOKO, 2018; MARTINS et al., 2018; MORI; OROZCO, 2021). Entre as principais dificuldades destacam-se o despreparo docente para atender estudantes com deficiência, a adoção de práticas pedagógicas pouco inclusivas e, em alguns casos, a reprodução de preconceitos velados que dificultam a participação plena desses discentes (AGUIRRE; CARBALLO; LOPEZ-GAVIRA, 2020; ALMUTAIRI, 2023; ESPINOSA et al., 2012).

Apesar do amparo legal garantido pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), que assegura o direito à educação inclusiva em todos os níveis e modalidades de ensino, muitas instituições de ensino superior ainda não implementam, de forma efetiva, as adaptações físicas, pedagógicas e metodológicas necessárias para garantir a participação plena de estudantes com deficiência. Essas limitações envolvem desde barreiras estruturais, curriculares e atitudinais, além da

insuficiência de acomodações compatíveis com as diferentes necessidades desses estudantes (SARRETT, 2018; VALLE-FLÓREZ et al., 2021). Essa lacuna evidencia a distância entre os avanços legais e sua efetivação no cotidiano das instituições de ensino superior, comprometendo o acesso equitativo, a permanência e o pleno desenvolvimento acadêmico de estudantes com deficiência. Torna-se, portanto, imprescindível fortalecer políticas institucionais e práticas pedagógicas que promovam uma formação verdadeiramente inclusiva.

A efetivação da educação inclusiva no ensino superior depende, em grande medida, da atuação docente. As atitudes, crenças e práticas pedagógicas dos professores influenciam diretamente a trajetória acadêmica dos estudantes com deficiência, podendo favorecer sua participação e aprendizagem ou, ao contrário, reforçar barreiras que comprometem sua permanência e sucesso acadêmico (MORIÑA et al., 2018; MORIÑA et al., 2019). Em contrapartida, a adoção de práticas pedagógicas inclusivas, aliadas a uma postura acolhedora e ao preparo para lidar com a diversidade contribuem para a construção de ambientes educacionais mais acessíveis e equitativos (HAMILTON; PETTY, 2023).

No ensino odontológico, entretanto, essas barreiras assumem características peculiares. A predominância de atividades clínicas, laboratoriais e técnicas exige adaptações que conciliem os objetivos de aprendizagem, a segurança do paciente e as necessidades dos estudantes com deficiência (MEEKS et al., 2020). Além disso, a construção de ambientes educacionais mais equitativos depende do ambiente institucional, das percepções da comunidade acadêmica e do compromisso das instituições com a inclusão (JANSE VAN RENSBURG; LIANG, 2025; SAKSENA et al., 2025). Ainda assim, persistem limitações relacionadas à insuficiência de serviços especializados de apoio e à escassez de capacitação docente voltada para a educação inclusiva, fazendo com que muitos professores relatem insegurança para adaptar metodologias e conduzir atividades clínicas diante das diferentes necessidades dos estudantes (FERNANDES; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2016; JOHNSTON et al., 2016; PAPADAKAKI et al., 2022).

Apesar do crescimento das pesquisas sobre inclusão no ensino superior, parte significativa da literatura concentra-se na perspectiva dos estudantes ou na avaliação das condições institucionais (ALTALEB et al., 2024; FERNÁNDEZ-BATANERO et al., 2022; MAJOKO, 2018). No que se refere aos docentes, a literatura tem priorizado a investigação dos conhecimentos e das percepções sobre a educação inclusiva,

evidenciando lacunas na formação e no preparo para atender estudantes com deficiência (CORRÊA et al., 2019; PAPADAKAKI et al., 2022; VALLE-FLÓREZ et al., 2021). Entretanto, ainda são escassas pesquisas que exploram de forma aprofundada as experiências docentes, os desafios enfrentados na prática pedagógica e às condições institucionais necessárias para promover uma formação verdadeiramente inclusiva, especialmente em cursos da área da saúde (PAPADAKAKI et al., 2022; VALLE-FLÓREZ et al., 2021). Considerando as especificidades do ensino em Odontologia, torna-se necessário compreender a experiência dos professores no ensino de estudantes com deficiência, a fim de identificar necessidades formativas, subsidiar práticas pedagógicas mais inclusivas e orientar estratégias institucionais que favoreçam uma formação equitativa.

2 PROPOSIÇÃO

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a experiência de professores de cursos de Odontologia do Brasil no ensino de estudantes com deficiência.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a experiência de professores de cursos de Odontologia do Brasil, no ensino de estudantes com deficiência;
- Identificar a participação dos docentes em programas de apoio institucional, bem como a disponibilidade de infraestrutura nas instituições de ensino superior;
- Avaliar a disponibilidade de recursos de acessibilidade nas instituições de ensino superior;
- Avaliar a formação e a capacitação dos professores para o ensino de estudantes com deficiência;
- Identificar as adaptações realizadas nas atividades teóricas, laboratoriais, clínicas e nos processos avaliativos para atender estudantes com deficiência.
- Verificar a associação entre a experiência dos docentes no ensino de estudantes com deficiência e as características sociodemográficas, acadêmicas e institucionais, bem como aspectos relacionados à formação, ao conhecimento e à inclusão.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 ASPECTOS ÉTICOS

Em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, por meio da Plataforma Brasil, sob o protocolo CAAE: 85304224.6.0000.5147 (Anexo A). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi disponibilizado eletronicamente aos participantes antes do preenchimento do questionário, a fim de assegurar a participação voluntária, bem como a confidencialidade, o anonimato e o sigilo das informações coletadas.

3.2 DESENHO DO ESTUDO

Tratou-se de um estudo observacional, transversal e analítico, conduzido por meio da aplicação de um questionário estruturado. O delineamento transversal foi adotado por possibilitar a análise das relações entre variáveis em um único momento, fornecendo um retrato da população investigada no período em que o estudo foi realizado (PEREIRA, 2000). A elaboração e o relato deste estudo seguiram as recomendações da iniciativa *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) para estudos transversais (VON ELM et al., 2007).

A Figura 1 apresenta o fluxograma das etapas metodológicas do estudo.

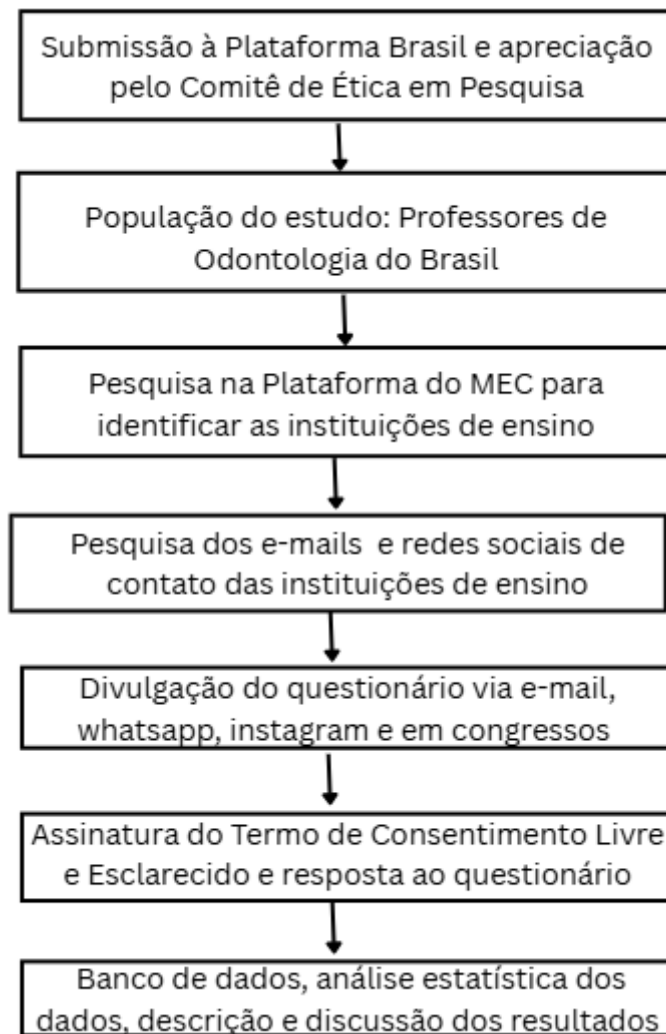


Figura 1. Fluxograma da metodologia empregada no estudo

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

3.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO

3.3.1 Seleção da Amostra

A população elegível do estudo foi composta por professores vinculados aos cursos de Odontologia de instituições de ensino superior públicas e privadas do Brasil. A identificação das instituições foi realizada por meio do cadastro do Ministério da Educação disponível no sistema e-MEC <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>. Nesta listagem, constavam nos relatórios de consulta pública, 631 faculdades de Odontologia ativas no Brasil no ano de 2025. Dentre elas, 66 são instituições públicas, 562 privadas e 3 especiais (A categoria administrativa “Especial” refere-se a

instituições com organização jurídica diferenciada, geralmente fundações públicas ou autarquias municipais, que não se enquadram como públicas tradicionais nem como privadas).

3.3.2 Plano amostral

O total de matrículas em cursos presenciais de Odontologia, conforme registros dessas instituições, é de 84.634 estudantes. Desse total, 4.193 estudantes estão matriculados em instituições públicas e 80.441 em instituições privadas.

Como não existe um cadastro público nacional contendo o número de docentes vinculados aos cursos de Odontologia, a população foi estimada com base na razão aluno-docente divulgada pelo Censo da Educação Superior de 2023, publicado pelo INEP em outubro de 2024. A razão média é de 4,0 estudantes por docente nas instituições públicas e 11,3 estudantes por docente nas instituições privadas. Com base nesses dados, estima-se que aproximadamente 1.048 docentes estejam vinculados à rede pública e cerca de 7.118 à rede privada, totalizando uma população de 8.166 docentes atuantes na graduação presencial em Odontologia no Brasil.

Para o cálculo do tamanho amostral foi calculado considerando a fórmula para estimativa de proporções em população finita. Adotou-se um nível de confiança de 95%, com valor de Z igual a 1,96. A proporção esperada foi fixada em 50% (0,5), escolha conservadora recomendada na ausência de estimativas prévias da variável de interesse. Considerou-se efeito de delineamento igual a 1,0 por não ter sido adotado plano amostral complexo.

Com esses parâmetros, o cálculo indicou a necessidade mínima de 367 participantes. Para garantir a robustez da amostra e compensar possíveis perdas, recusas ou respostas incompletas ou inconsistentes, foi incluído um acréscimo de 20%, resultando em uma amostra final desejada de 459 docentes.

3.3.3 Critérios de Elegibilidade

Foram considerados elegíveis para participar do estudo os docentes de cursos de Odontologia de instituições de ensino superior brasileiras, públicas ou privadas, cadastradas no sistema e-MEC e em situação ativa durante o período da coleta de dados.

Foram excluídos do estudo docentes que não atuavam em cursos de Odontologia no Brasil ou que estavam vinculados exclusivamente a instituições de ensino superior estrangeiras.

3.4 COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada de forma virtual entre abril de 2025 e dezembro de 2025, por meio de um questionário online elaborado na plataforma Google Forms®. Inicialmente, foi construída uma planilha eletrônica contendo informações de contato, como endereços de e-mail e números de telefone (quando disponíveis), das coordenações de cursos de Odontologia do Brasil, além de dados obtidos nas páginas oficiais das instituições em redes sociais.

A divulgação do questionário ocorreu por múltiplas estratégias de recrutamento, incluindo envio direto às coordenações dos cursos, compartilhamento via aplicativos de mensagens (WhatsApp), divulgação em redes sociais institucionais (como Instagram), além de ampla disseminação em eventos científicos da área. Também foi utilizada a técnica de amostragem em cadeia (*snowball sampling*), na qual os participantes foram incentivados a compartilhar o link do questionário com outros potenciais respondentes elegíveis, ampliando o alcance da amostra.

Foram enviados e-mails aos coordenadores de curso contendo uma carta de apresentação formal, na qual foram explicados os objetivos da pesquisa, sua relevância e os potenciais benefícios para a comunidade acadêmica, bem como o link para acesso ao formulário eletrônico, a ser encaminhado aos professores do curso. Aqueles que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1), disponibilizado no próprio formulário eletrônico, previamente ao preenchimento do questionário.

O questionário utilizado neste estudo foi elaborado pelos autores com base nos objetivos da pesquisa e na literatura científica disponível. Sua construção foi fundamentada em estudos prévios que investigaram o conhecimento, as atitudes e as percepções de professores em relação à educação inclusiva, com destaque para Papadakaki et al. (2022), Alkahtani (2022) e Valle-Flórez et al. (2021), cujas abordagens contribuíram para a definição dos domínios investigados e para a organização das questões. O instrumento final foi adaptado ao contexto específico do

ensino em Odontologia (Apêndice 2), contém 22 perguntas e foi dividido em duas partes: Parte I contendo 11 perguntas sobre os dados pessoais, características sociodemográficas e informações sobre os professores de instituições de Ensino Superior; e Parte II contendo 11 perguntas sobre a experiência destes em lecionar para estudantes com deficiência.

3.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA

A variável dependente foi a experiência dos professores quanto a lecionar para estudantes com deficiência (variável nominal). As variáveis independentes incluíram idade, sexo, cor/raça, tipo de instituição de ensino, escolaridade e demais características investigadas. Os dados foram organizados e analisados no software Jamovi (versão 2.7.24; Jamovi). Foi realizada análise descritiva por meio de frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas e, para as variáveis numéricas, foram calculados média, desvio padrão, valores mínimo e máximo. Para a análise inferencial, foram utilizados os testes do qui-quadrado e exato de Fisher, quando apropriado, para avaliar associações entre variáveis categóricas.

Para a comparação da idade entre os grupos, foi utilizada a ANOVA de Welch, seguida do teste pós-hoc de Games-Howell. A escolha da ANOVA de Welch considerou principalmente a possível heterogeneidade das variâncias entre os grupos. Embora a variável idade não tenha apresentado normalidade dos dados pelo teste de Shapiro-Wilk ($p < 0,001$), optou-se pela ANOVA de Welch por sua robustez frente a violações moderadas dos pressupostos paramétricos.

Em um primeiro momento, foi realizada regressão logística binária simples (análise univariada) para avaliar a associação entre cada variável independente e o desfecho (experiência de lecionar para estudantes com deficiência). Em seguida, as variáveis que apresentaram associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) foram incluídas no modelo de regressão logística binária múltipla. Foram estimados os odds ratios (OR) ajustados, respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) e valores de p , adotando-se nível de significância de 5%.

Não houve dados faltantes nas variáveis analisadas, uma vez que o formulário eletrônico foi configurado para exigir o preenchimento de todas as questões antes do envio das respostas. Dessa forma, apenas questionários completos foram submetidos à análise estatística.

4 RESULTADOS

Um total de 465 respostas foram registradas. Após a exclusão de um participante por não atender aos critérios de elegibilidade, uma vez que não exercia atividade profissional no Brasil, a amostra final foi composta por 464 docentes. A coleta de dados foi realizada entre abril de 2025 e dezembro de 2025.

A caracterização da amostra (Tabela 1) revelou predominância do sexo feminino (64,7%), com média de idade $44,4 \pm 10,5$ anos e maior concentração de participantes na faixa etária de 40 a 49 anos (35,6%). No que se refere à cor/raça, observou-se maior proporção de participantes autodeclarados brancos (79,7%), quanto ao tipo de instituição, 233 participantes (50,2%) atuavam em instituições privadas, 194 (41,8%) em públicas e 37 (8,0%) em ambas, com maior concentração de docentes atuando na região Sudeste (44,8%). Em relação à formação acadêmica, a maioria dos participantes possuía doutorado (73,1%), seguida de mestrado (21,8%).

Em relação às especialidades, a Odontopediatria foi a mais frequente (21,7%), seguida por Endodontia (13,1%), Prótese (12,0%) e Dentística (11,4%). Por outro lado, especialidades como Odontologia do esporte (0,2%), Odontologia do Trabalho (0,4%) e Acupuntura (0,4%) apresentaram baixa representatividade. Entre as disciplinas lecionadas, observou-se predominância da Odontopediatria (22,4%). Outras áreas com frequências relevantes incluíram Dentística (15,3%), Prótese (14,4%), Radiologia (14,2%) e Saúde Coletiva (14,0%), enquanto áreas como Parasitologia (0,2%), DTM (3,2%) e Biossegurança (4,3%) apresentaram baixa representatividade.

Tabela 1. Características dos professores de Odontologia. Brasil, 2026 (N=464).

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	300	64,70
Masculino	163	35,10
Prefiro não declarar	1	0,20
Outro	-	-
Idade		
Média	44,4	
Desvio Padrão	10,5	
Cor/raça		
Branco	370	79,70
Pardo	76	16,40
Amarelo	7	1,50
Preto	11	2,40
Indígena	-	-
Prefiro não declarar	-	-
Região em que leciona		
Sudeste	208	44,80
Nordeste	114	24,60
Sul	81	17,50
Centro-Oeste	33	7,10
Norte	28	6,00
Tipo de instituição em que leciona		
Privada	233	50,20
Pública	194	41,80
Pública e privada	37	8,00
Prefiro não declarar	-	-
Escolaridade		
Doutorado	339	73,10
Mestrado	101	21,80
Graduação	11	2,40
Outro	13	2,80
Prefiro não declarar	-	-
Faixa etária		
20-29	5	1,89
30-39	79	29,92
40-49	94	35,61
50-59	51	19,32
60-69	31	11,74
70-79	4	1,52

N: número absoluto; %: frequência

No contexto da formação e experiência (Tabela 2), a maioria dos participantes não havia recebido treinamento específico (77,2%), apenas 37,3% dos docentes relataram experiência em lecionar para estudantes com deficiência e 76,1% não participavam de programas institucionais de inclusão. Quanto às condições institucionais, 59,7% dos docentes relataram que suas instituições ofereciam infraestrutura para atender estudantes com deficiência. No entanto, apenas 37,1% indicaram a existência de adaptações no ambiente clínico odontológico. Apesar desse

cenário, 58,0% dos professores afirmaram possuir conhecimento sobre as possíveis dificuldades e habilidades desses estudantes.

Entre os 66 docentes que relataram lecionar a disciplina de PNE na graduação, 34 possuíam formação especializada na área e 39 apresentavam experiência no ensino de estudantes com deficiência; entretanto, apenas 19 reuniam simultaneamente essas características. Ao analisar a associação entre a formação em PNE e a experiência no ensino de estudantes com deficiência, não foi observada associação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 5,61$; $p = 0,060$).

Tabela 2. Experiências dos professores de Odontologia do Brasil e infraestrutura institucional. Brasil, 2026 (N=464).

Variáveis	N	%
Teve algum treinamento para lecionar para estudantes com deficiência?		
Sim	102	22,00
Não	358	77,20
Não sei/Prefiro não declarar	4	0,80
Tem experiência em lecionar para estudantes com deficiência?		
Sim	173	37,30
Não	279	60,10
Não sei/Prefiro não declarar	12	2,60
Participou ou participa de algum programa de inclusão na sua instituição atual?		
Sim	102	22,00
Não	353	76,10
Não sei/Prefiro não declarar	9	1,90
A instituição oferece infraestrutura para atender estudantes com deficiência?		
Sim	277	59,70
Não	102	22,00
Não sei	76	16,40
Prefiro não declarar	9	1,90
A instituição oferece adaptações no ambiente clínico odontológico para estudantes com deficiência?		
Sim	172	37,10
Não	204	44,00
Não sei	80	17,20
Prefiro não declarar	8	1,70
Você conhece as possíveis dificuldades/altas habilidades desses estudantes nas aulas?		
Sim	269	58,00
Não	144	31,00
Não sei	51	11,00
Prefiro não declarar	-	-

N: número absoluto; %: frequência

Em relação às práticas pedagógicas, 28,0% dos professores relataram ajustar a metodologia de ensino e 22,6% adaptaram o material didático. O uso de recursos tecnológicos foi mencionado por apenas 8,4%, enquanto 11,4% não realizam adaptações. No contexto clínico, as adaptações foram ainda menos frequentes: 25,8%

relataram não realizar adaptações e 55,1% não possuíam experiência. As adaptações mais frequentemente relatadas no contexto clínico foram a redução de ruídos (7,3%) e a adaptação de estímulos sensoriais (7,1%), seguidas por ajustes de iluminação (5,8%).

Quanto às adaptações durante as avaliações, 31,4% dos docentes relataram aumentar o tempo disponível para a realização das provas, 16,3% realizam ajustes nos critérios de avaliação e 15,1% utilizam formatos acessíveis. Nas atividades laboratoriais, 22,8% relataram fornecer instruções individuais e suporte contínuo, 14,4% adaptam tarefas ou instrumentos e 13,6% organizam o ambiente para melhorar a acessibilidade. Ademais, apenas 8,6% dos docentes relataram disponibilizar tecnologias assistivas durante avaliações e, no contexto das atividades laboratoriais, essa também foi uma das estratégias menos frequentes (11,4%), conforme demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3. Adaptações realizadas pelos professores de Odontologia do Brasil. Brasil, 2026 (N=464).

Variáveis	N	%
Faz adaptação nas atividades teóricas?		
Sim, adapto o material didático	104	22,60
Sim, ajusto a metodologia de ensino	129	28,00
Sim, utilizo recursos tecnológicos	38	8,40
Não, não realizo adaptações	53	11,40
Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência	235	50,50
Não sei	9	1,90
Faz adaptação no atendimento odontológico?		
Sim, forneço protetores auriculares ou utilizo técnicas para redução de ruídos	34	7,30
Sim, utilizo iluminação indireta ou ajustável	27	5,80
Sim, adapto o ambiente para minimizar odores e estímulos sensoriais	33	7,10
Sim, ofereço suporte tátil ou tábuas de comunicação	11	2,40
Não, não realizo adaptações	120	25,80
Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência	256	55,10
Não sei	29	6,20
Faz adaptação nas provas práticas, teóricas e laboratoriais?		
Sim, aumento o tempo disponível	146	31,40
Sim, disponibilizo provas em formatos acessíveis	70	15,10
Sim, permito uso de tecnologias assistivas	40	8,60
Sim, faço ajustes no conteúdo ou critérios de avaliação	76	16,30
Não, não realizo adaptações	40	8,60
Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência	232	49,90
Não sei	9	1,90
Faz adaptação nas aulas práticas laboratoriais?		
Sim, organizo o ambiente do laboratório para melhorar a acessibilidade	63	13,60
Sim, forneço instruções individuais e suporte contínuo	106	22,80

Sim, permito uso de equipamentos e dispositivos assistivos	53	11,40
Sim, adapto as tarefas e os instrumentos	67	14,40
Não, não realizo adaptações	53	11,40
Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência	243	52,30
Não sei	15	3,20

N: número absoluto; %: frequência

Quanto a análise das associações entre variáveis categóricas, não houve associações estatisticamente significativas entre experiência e sexo ($p = 0,924$), raça ($p = 0,450$), região ($p = 0,402$) ou tipo de instituição ($p = 0,881$). Em contrapartida, foram identificadas associações significativas entre experiência e nível de escolaridade ($\chi^2 = 23,7$; $p < 0,001$), treinamento ($\chi^2 = 56,5$; $p < 0,001$), conhecimento sobre dificuldades e habilidades ($\chi^2 = 103,0$; $p < 0,001$) e participação em programas de inclusão ($\chi^2 = 43,7$; $p < 0,001$). Também foram observadas associações entre treinamento e conhecimento sobre dificuldades e habilidades ($\chi^2 = 55,4$; $p < 0,001$), bem como entre tipo de instituição de ensino e disponibilidade de infraestrutura ($\chi^2 = 48,0$; $p < 0,001$), como apresentado na Tabela 4. Quanto à infraestrutura, sua disponibilidade foi relatada por 73,8% dos docentes de instituições privadas, 44,8% das públicas e 48,6% daqueles que atuavam em instituições públicas e privadas.

Tabela 4. Associações entre a experiência dos docentes e as variáveis independentes. Brasil, 2026.

Tabela 17. Associação entre a experiência e os desfechos e as variáveis independentes (Brach, 2020)				
Variáveis	Experiência			Valor de p
	Sim	Não	Não sei	
Sexo				
Feminino	113	180	7	0.924 (X ²)
Masculino	60	98	5	
Prefiro não declarar	0	1	0	
Raça				
Branco	136	226	8	0.450 (X ²)
Pardo	31	42	3	
Preto	5	5	1	
Amarelo	1	6	0	
Indígena	0	0	0	
Prefiro não declarar	0	0	0	
Região				
Norte	10	16	2	0.402 (X ²)
Nordeste	47	65	2	
Centro-Oeste	15	18	0	
Sudeste	77	124	7	
Sul	24	56	1	
Treinamento				
Sim	68	31	3	<0.001* (Fisher; X ²)
Não	102	247	9	
Não sei	0	1	0	
Prefiro não declarar	3	0	0	
Tipo de instituição				
Pública	72	116	6	0.881 (X ²)
Privada	87	140	6	
Pública e privada	14	23	0	
Nível de escolaridade				
Graduação	4	7	0	<0.001* (X ²)
Mestrado	39	60	2	
Doutorado	128	204	7	
Outros	2	8	3	
Conhecimento sobre habilidades				
Sim	143	23	7	<0.001* (Fisher; X ²)
Não	124	119	36	
Não sei	2	2	8	
Participação em programas de inclusão				
Sim	62	38	2	<0.001* (X ²)
Não	108	236	9	
Não sei	0	2	1	
Prefiro não declarar	3	3	0	

*Indica diferença estatisticamente significativa.

A análise da idade (Tabela 5) revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Docentes com experiência no ensino de estudantes com deficiência apresentaram maior média de idade ($46,4 \pm 11,4$ anos) em comparação àqueles sem experiência ($43,2 \pm 9,8$ anos) ($p = 0,015$), diferença confirmada pela análise pós-hoc ($p = 0,006$) e sem diferença em relação ao grupo que respondeu “não sei” ($p = 0,797$). De forma consistente, maiores médias de idade também foram observadas entre

participantes com conhecimento ($p = 0,023$) e aqueles envolvidos em programas de inclusão ($p < 0,001$).

Maiores médias de idade também foram observadas entre docentes que relataram conhecer as vantagens e desvantagens do ensino de estudantes com deficiência ($45,5 \pm 11,0$ anos), quando comparados àqueles que não possuíam esse conhecimento ($42,7 \pm 9,3$ anos) ($p = 0,023$), diferença confirmada pela análise pós-hoc ($p = 0,018$). Além disso, docentes envolvidos em programas de inclusão apresentaram idade significativamente maior do que aqueles que não participavam desses programas ($p < 0,001$). Em relação ao tipo de instituição de ensino, a idade diferiu significativamente entre os grupos ($p < 0,001$), sendo observadas maiores médias entre docentes de instituições públicas ($47,2 \pm 10,2$ anos), seguidas daqueles que atuavam simultaneamente em instituições públicas e privadas ($44,3 \pm 10,8$ anos) e em instituições privadas ($42,2 \pm 10,2$ anos). Também foi observada diferença significativa na idade em relação à participação em programas de inclusão ($p < 0,001$).

Tabela 5. Comparação da idade segundo variáveis estudadas. Brasil, 2026.

Idade				
	N	Média± DP	F (g1; g2)	Valor de p
Conhecimento das habilidades e dificuldades				
Sim	269	45.5±11.0	3.88 (2;13,7)	0.023*
Não	144	42.7±9.3		
Não sei	51	43.4±10.5		
Experiência em lecionar para estudantes com deficiência				
Sim	173	46.4±11.4	4,79 (2;31,2)	0.015*
Não	279	43.2±9.8		
Não sei	12	44.9±7.5		
Participação em programas de inclusão				
Sim	102	45.8±12.0	24,0 (3;19,1)	<0.001*
Não	353	43.9±10.0		
Não sei	3	39.3±0.6		
Tipo de instituição				
Pública	194	47.2±10.2	12,7 (2;99,8)	<0.001*
Privada	233	42.2±10.2		
Pública e Privada	37	44.3±10.8		

Nota: Dados expressos em média ± desvio padrão. ANOVA de Welch utilizada, seguida do teste pós-hoc de Games-Howell. *Valores de $p < 0,05$ indicam significância estatística. Categoria “prefiro não declarar” ($n=6$; $51,8 \pm 11,8$) não apresentada na tabela devido ao reduzido tamanho amostral. DP=desvio padrão. *Asteriscos marcam significância estatística.

Nas análises univariadas para identificação das variáveis potencialmente associadas ao desfecho, as variáveis sexo e tipo de instituição de ensino não foram incluídas no modelo final por não apresentarem associação estatisticamente significativa nas análises preliminares e por não contribuírem para o ajuste do modelo.

A regressão logística binária múltipla apresentou pseudo- R^2 de McFadden de 0,196. Não foi observada multicolinearidade entre os preditores, uma vez que todos os valores de VIF foram inferiores a 2 e os valores de tolerância superiores a 0,90. A análise da curva ROC resultou em área sob a curva (AUC) de 0,791.

A idade permaneceu significativamente associada à experiência docente relacionada ao ensino de estudantes com deficiência ($OR=1.022$; $IC95\%=1.00-1.04$; $p=0.038$), indicando discreto aumento da probabilidade de experiência entre docentes mais velhos. Professores que relataram treinamento apresentaram aproximadamente

três vezes mais chances de possuir experiência no ensino de estudantes com deficiência quando comparados aos não treinados (OR=3.042; IC95%=1.78–5.20; $p<0.001$). A participação em projetos ou programas inclusivos também permaneceu significativamente associada ao desfecho, sendo observadas aproximadamente duas vezes mais chances de experiência entre os participantes desses programas (OR=2.032; IC95%=1.20–3.44; $p=0.008$). Além disso, docentes que relataram conhecimento sobre as vantagens e dificuldades relacionadas ao ensino de estudantes com deficiência apresentaram aproximadamente 3,6 vezes mais chances de possuir experiência prévia (OR=3.611; IC95%=2.11–6.19; $p<0.001$). Por outro lado, o nível de escolaridade não permaneceu associado à experiência docente após ajuste pelas demais variáveis do modelo ($p>0.05$), como evidenciado na Tabela 6.

Tabela 6. Modelo de regressão logística binária múltipla para fatores associados à experiência docente relacionada ao ensino de estudantes com deficiência.

Variável Preditora	Estimativa	EP	Z	Valor de p	Odds Ratio	IC 95% Inferior	IC 95% Superior
Idade	0.0220	0.0106	2.079	0.038*	1.022	1.00	1.04
Treinamento (sim versus não)	1.1126	0.2731	4.075	<0.001*	3.042	1.78	5.20
Participação em projetos inclusivos (sim versus não)	0.7092	0.2688	2.638	0.008*	2.032	1.20	3.44
Conhecimento sobre vantagens/dificuldades (sim versus não)	1.2841	0.2747	4.674	<0.001*	3.611	2.11	6.19
Escolaridade – Doutorado versus graduação	-0.0258	0.7216	-0.036	0.971	0.975	0.24	4.00
Escolaridade – Mestrado versus graduação	0.1606	0.7461	0.215	0.830	1.174	0.27	5.07
Escolaridade – Outro versus graduação	-1.1720	1.1057	-1.060	0.289	0.310	0.04	2.70

Estatisticamente significativo em $p < 0.05$.

5 DISCUSSÃO

Este estudo investigou a experiência de professores de cursos de Odontologia do Brasil no ensino de estudantes com deficiência e evidenciou lacunas na infraestrutura institucional e na preparação docente para a educação inclusiva. Considerando a escassez de estudos que investigam especificamente essa experiência no contexto da Odontologia, os achados do presente estudo contribuem para ampliar o conhecimento sobre a realidade docente e institucional relacionada à inclusão de estudantes com deficiência nessa área. Quanto aos docentes, observou-se baixa experiência prévia, formação específica insuficiente e participação reduzida em programas institucionais de inclusão. Embora parte dos participantes tenha relatado conhecer as necessidades desses estudantes, a implementação de adaptações pedagógicas, clínicas e laboratoriais mostrou-se limitada. Por fim, a análise multivariada indicou que treinamento específico, participação em programas institucionais, conhecimento sobre as necessidades dos estudantes e maior idade estiveram associados à experiência prévia no ensino de estudantes com deficiência.

No levantamento realizado em 2025, observou-se uma distribuição regional desigual dos cursos de Odontologia no Brasil, com maior concentração na região Sudeste (37,1%), seguida pelas regiões Nordeste (28,4%), Sul (15,4%), Centro-Oeste (10,9%) e Norte (8,2%) (BRASIL, 2025). Essa concentração também se refletiu na composição da amostra, com maior participação de docentes da região Sudeste e menor da região Norte. Embora todas as regiões brasileiras tenham sido representadas, a menor oferta de cursos em determinadas localidades pode ter influenciado a participação regional e deve ser considerada na interpretação dos resultados. Além disso, desigualdades regionais podem contribuir para diferentes contextos institucionais e níveis de preparo docente para a implementação de práticas inclusivas.

Embora o acesso de estudantes com deficiência ao ensino superior tenha aumentado, a inclusão efetiva ultrapassa o ingresso e envolve participação, permanência, pertencimento e sucesso acadêmico (FERNÁNDEZ-BATANERO et al., 2022; JANSE VAN RENSBURG; LIANG, 2025). No contexto brasileiro, essa perspectiva permanece desafiadora, uma vez que, apesar da ampliação das políticas de inclusão e do aumento das matrículas nas últimas décadas, estes estudantes continuam sub-representados no ensino superior, evidenciando a persistência de

barreiras que limitam sua plena participação acadêmica (CABRAL et al., 2020). Portanto, os achados desta pesquisa sugerem uma distância entre políticas institucionais e sua implementação cotidiana, indicando que a inclusão ainda ocorre predominantemente por meio de respostas posteriores às demandas dos estudantes, e não como elemento estruturante do planejamento acadêmico. Essa situação não deve ser interpretada exclusivamente como uma limitação dos docentes, mas como resultado da interação entre fatores formativos, pedagógicos e institucionais que influenciam a promoção da educação inclusiva no ensino superior (GOLDEN; PETTY, 2022; PAPADAKAKI et al., 2022).

No ensino odontológico, em que o processo formativo envolve o desenvolvimento de competências clínicas e habilidades técnicas específicas, a ausência de preparação docente e de suporte institucional pode dificultar a incorporação de práticas educacionais mais flexíveis e inclusivas. Evidências da literatura apontam que o preparo dos professores, o conhecimento sobre deficiência e a capacidade institucional de promover adaptações são fatores relevantes para a construção de ambientes acadêmicos inclusivos (FERNÁNDEZ-BATANERO et al., 2022; VALLE-FLÓREZ et al., 2021). Essa questão é particularmente relevante em cursos da área da saúde, nos quais atividades laboratoriais e clínicas altamente estruturadas podem limitar a flexibilidade pedagógica na ausência de recursos institucionais adequados. A baixa proporção de docentes com vivência no ensino inclusivo observada neste estudo sugere não apenas menor exposição a esse público, mas também a ausência de ambientes pedagógicos sistematicamente organizados para a inclusão. Nesse contexto, estudantes com deficiência em cursos da área da saúde enfrentam barreiras relacionadas à acessibilidade dos ambientes clínicos, à adaptação de atividades práticas e ao sentimento de pertencimento e inclusão ao longo de sua formação (JARUS et al., 2023; JOHNSTON et al., 2016; MEEKS et al., 2020).

Os resultados da análise multivariada reforçam essa interpretação ao demonstrar que o treinamento específico em inclusão e a participação em programas institucionais estiveram significativamente associados à experiência prévia no ensino de estudantes com deficiência. Esses achados indicam que a preparação formal dos professores constitui elemento fundamental para ampliar a capacidade institucional de responder às demandas inclusivas, não dependendo apenas da iniciativa individual dos docentes. Essa relação é consistente com Lombardi et al. (2011), que observaram

que docentes com experiência prévia ou treinamento relacionado à deficiência apresentavam atitudes mais favoráveis à adoção de práticas inclusivas. Além disso, estudos recentes demonstram que a capacitação docente contribui para o desenvolvimento de conhecimentos e competências relacionadas à acessibilidade e às estratégias educacionais inclusivas (ALKAHTANI, 2022; PAPADOPOULOS et al., 2025), enquanto programas estruturados de formação institucional são fundamentais para consolidar mudanças sustentáveis no ensino superior (MORENO-RODRIGUEZ et al., 2021).

Apesar da importância da capacitação relacionada à deficiência para o desenvolvimento de atitudes mais positivas e maior preparo para a inclusão (ALKAHTANI, 2022; PAPADOPOULOS et al., 2025; VALLE-FLÓREZ et al., 2021), a formação especializada em Pacientes com Necessidades Especiais (PNE) não apresentou associação significativa com a experiência docente neste estudo. Esse achado sugere que a especialização em PNE, embora fundamental para a prática clínica, pode não contemplar integralmente as competências pedagógicas necessárias para o ensino de estudantes com deficiência no ambiente universitário. Assim, há uma distinção entre formação clínica para o atendimento de pacientes com deficiência e preparação pedagógica para a inclusão educacional, aspecto particularmente relevante na Odontologia, na qual a trajetória docente frequentemente está associada à especialização clínica. Dessa forma, a formação técnica deve ser complementada por capacitação pedagógica específica voltada ao desenvolvimento de estratégias de ensino inclusivas.

Neste estudo, observou-se uma discrepância entre o conhecimento declarado pelos docentes e sua tradução em práticas pedagógicas inclusivas. Achados semelhantes foram descritos por Lombardi et al. (2011), que identificaram diferença entre atitudes favoráveis à inclusão e a implementação efetiva de práticas alinhadas aos princípios do *Universal Design for Instruction* (UDI), abordagem que propõe o planejamento de estratégias, recursos e ambientes de ensino acessíveis desde sua concepção (SCOTT; MCGUIRE; SHAW, 2003). Embora 58% dos participantes tenham relatado conhecer as necessidades de estudantes com deficiência, a adoção de adaptações pedagógicas permaneceu limitada, especialmente nas atividades clínicas.

As barreiras identificadas neste estudo refletem desafios já descritos na literatura, envolvendo aspectos institucionais, pedagógicos e de acessibilidade que

podem limitar a participação plena de estudantes com deficiência no ensino superior (ALTALEB et al., 2024; GULL et al., 2025). Da mesma forma, a literatura destaca que a existência de políticas institucionais e estruturas de acessibilidade, embora fundamentais, não assegura isoladamente a inclusão, sendo necessária a articulação entre diferentes setores e o fortalecimento do suporte organizacional (NOGUEIRA et al., 2018).

A baixa utilização de tecnologias assistivas reforça a predominância de uma lógica baseada em adaptações pontuais, em vez de uma abordagem inclusiva integrada ao planejamento educacional. Lyner-Cleophas (2019) destaca que esses recursos ampliam a participação acadêmica de estudantes com deficiência, mas sua efetividade depende de formação docente, suporte institucional e integração às práticas pedagógicas. Dessa forma, a inclusão requer a superação de um modelo reativo, no qual adaptações são realizadas após a identificação de necessidades específicas, avançando para uma perspectiva proativa que considere a diversidade desde o planejamento curricular. Essa interpretação corrobora estudos prévios que evidenciam que o conhecimento docente, a formação adequada e o suporte institucional constituem fatores relevantes para a implementação de estratégias pedagógicas inclusivas no ensino superior (PAPADAKAKI et al., 2022; VALLE-FLÓREZ et al., 2021).

Nesse contexto, abordagens baseadas no desenho universal apresentam-se como alternativas para transformar a lógica de adaptações realizadas apenas após a identificação de barreiras. O UDI aplica os princípios do desenho universal às práticas instrucionais no ensino superior, enquanto o *Universal Design for Learning* (UDL), desenvolvido no campo educacional, propõe que currículos, estratégias pedagógicas e avaliações sejam planejados desde sua concepção considerando a variabilidade dos estudantes (CAST, 2024; DALTON et al., 2019). Uma meta-análise conduzida por Capp (2017) demonstrou que sua implementação favorece o acesso ao conteúdo, o engajamento e a aprendizagem de estudantes com diferentes perfis, reduzindo a necessidade de adaptações posteriores. Entretanto, sua aplicação na Odontologia ainda representa um desafio, devido à natureza técnica, clínica e altamente estruturada da formação, que historicamente privilegia modelos padronizados de ensino e avaliação.

Os achados deste estudo reforçam que a inclusão de estudantes com deficiência na Odontologia deve ser compreendida como um processo

multidimensional, influenciado por fatores individuais, formativos e institucionais. Embora políticas institucionais e infraestrutura física sejam necessárias, elas não garantem isoladamente a efetivação da educação inclusiva. Avanços sustentáveis dependem da articulação entre suporte institucional, capacitação docente e adoção de práticas pedagógicas inclusivas para a promoção de uma formação odontológica mais acessível, equitativa e comprometida com a diversidade.

Algumas limitações devem ser consideradas. A utilização de questionário autorrelatado pode ter introduzido vieses de informação, como memória e desejabilidade social, levando à possível superestimação do conhecimento ou das práticas inclusivas relatadas. A amostragem por conveniência e cadeia (*snowball sampling*) pode ter favorecido a participação de docentes mais sensibilizados com a temática, limitando a representatividade da amostra. Entretanto, o estudo apresenta como pontos fortes seu caráter inédito no contexto nacional, o tamanho amostral, a participação de docentes de todas as regiões brasileiras e a distribuição da amostra em diferentes contextos institucionais. Além disso, o uso de análise multivariada permitiu explorar associações ajustadas entre as variáveis investigadas, ampliando a compreensão dos fatores relacionados à experiência docente no ensino de estudantes com deficiência.

Pesquisas futuras devem aprofundar os fatores que influenciam a implementação de estratégias educacionais inclusivas na formação odontológica. Estudos qualitativos poderão explorar experiências de docentes e estudantes com deficiência, enquanto investigações longitudinais e comparativas poderão avaliar o impacto de programas de capacitação docente e diferenças entre contextos institucionais. Além disso, pesquisas sobre a aplicação do UDL, especialmente em ambientes clínicos e laboratoriais, poderão subsidiar estratégias educacionais voltadas à participação e ao sucesso acadêmico de estudantes com deficiência.

6 CONCLUSÃO

Conclui-se que a experiência de docentes de cursos de Odontologia brasileiros no ensino de estudantes com deficiência é baixa e é acompanhada de desafios para a adoção de práticas pedagógicas inclusivas. O treinamento específico, a participação em programas institucionais de inclusão, o conhecimento sobre as necessidades dos estudantes e a idade mais elevada mostraram-se fatores independentemente associados à experiência prévia dos docentes. Esses resultados evidenciam a necessidade de ampliar oportunidades de capacitação e fortalecer políticas institucionais que promovam práticas pedagógicas inclusivas no ensino odontológico.

7 FINANCIAMENTO

O presente estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

8 REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A.; CARBALLO, R.; LOPEZ-GAVIRA, R. Improving the academic experience of students with disabilities in higher education: faculty members of Social Sciences and Law speak out. **Innovation: The European Journal of Social Science Research**, v. 34, n. 3, p. 305–320, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13511610.2020.1828047>.

ALKAHTANI, K. D. F. Teachers' knowledge and attitudes toward sustainable inclusive education for students with emotional and behavioral disorders. **Children**, v. 9, n. 12, p. 1940, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children9121940>.

ALMUTAIRI, H. Faculty attitudes toward teaching students with mild intellectual disabilities in higher education. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, p. e0042, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702023V29E0042>.

ALTALEB, H. M.; ALSALEH, D. A.; ALSHAMMARI, A. S.; ALSOMAIRY, S. M.; ALSUAQIR, S. M.; ALSALEEM, L. A.; OMER, A. B.; KHAN, R.; ALWHAIBI, R. M. Facilitators and barriers to learning faced by female students with disability in higher education. **Heliyon**, v. 10, n. 10, e30774, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e30774>.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Censo da Educação Superior 2023: apresentação dos resultados**. Brasília, DF: Inep/MEC, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **e-MEC: sistema de regulação do ensino superior**. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br>. Acesso em: 2 fev 2025.

CABRAL, V. N.; ORLANDO, R. M.; MELETTI, S. M. F. O retrato da exclusão nas universidades brasileiras: os limites da inclusão. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. e105412, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236105412>.

CAPP, Matthew James. The effectiveness of universal design for learning: a meta-analysis of literature between 2013 and 2016. **International Journal of Inclusive Education**, v. 21, n. 8, p. 791–807, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13603116.2017.1325074>.

CAST. **Universal Design for Learning Guidelines version 3.0**. Wakefield, MA: CAST, 2024. Disponível em: <https://udlguidelines.cast.org/>.

CORRÊA, A. Z. A. H.; MASUCHI, M. H.; BAETA, N. C. C.; TAKIUCHI, L.; BIANCO, B. Disability inclusion in higher education: knowledge and perceptions of the academic community. **Disability and Rehabilitation: Assistive Technology**, v. 16, n. 7, p. 735–740, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17483107.2019.1701106>.

DALTON, E. M.; LYNER-CLEOPHAS, M.; FERGUSON, B. T.; MCKENZIE, J. Inclusion, universal design and universal design for learning in higher education:

South Africa and the United States. **African Journal of Disability**, v. 8, p. 519, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/ajod.v8i0.519>.

ESPINOSA, C. X.; GÓMEZ, V. G.; CAÑEDO, C. M. El acceso y la retención en la educación superior de estudiantes con discapacidad en Ecuador. **Formación Universitaria**, v. 5, n. 6, p. 27–38, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/S0718-50062012000600004>.

FERNANDES, A. C. R.; OLIVEIRA, M. C. S. L.; ALMEIDA, L. S. Inclusão de estudantes com deficiências na universidade: estudo em uma universidade portuguesa. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 483–492, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201502031024>.

FERNÁNDEZ-BATANERO, J. M. et al. Access and participation of students with disabilities: the challenge for higher education. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 19, p. 11918, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph191911918>.

FOX, J.; WEISBERG, S. **car: Companion to Applied Regression**. Software. Vienna: Comprehensive R Archive Network, 2024. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=car>. Acesso em: 20 maio 2026.

GOLDEN, R. N.; PETTY, E. M. Learners with disabilities: an important component of diversity, equity, and inclusion in medical education. **Academic Medicine: Journal of the Association of American Medical Colleges**, v. 97, n. 3, p. 328–330, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/ACM.0000000000004496>.

GULL, M.; KAUR, N.; BASHA, S. E. A systematic review of challenges faced by students with disabilities in higher education. **Annals of Neurosciences**, v. 33, n. 2, p. 247–258, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/09727531251344705>.

HAMILTON, L. G.; PETTY, S. Compassionate pedagogy for neurodiversity in higher education: a conceptual analysis. **Frontiers in Psychology**, v. 14, p. 1093290, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1093290>.

JANSE VAN RENSBURG, M.; LIANG, B. Improving autistic students' experiences in higher education: developing a community framework for individual autistic student and autistic community flourishing. **Autism in Adulthood**, v. 7, n. 2, p. 141–154, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/aut.2022.0079>.

JARUS, T. et al. Negotiating legitimacy and belonging: disabled students' and practitioners' experience. **Medical Education**, v. 57, n. 6, p. 535–547, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/medu.15002>.

JOHNSTON, K. N. et al. Reconsidering inherent requirements: a contribution to the debate from the clinical placement experience of a physiotherapy student with vision impairment. **BMC Medical Education**, v. 16, p. 74, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12909-016-0598-0>.

LOMBARDI, Allison R.; MURRAY, Christopher; GERDES, Hilary. College faculty and inclusive instruction: self-reported attitudes and actions pertaining to universal design. **Journal of Diversity in Higher Education**, v. 4, n. 4, p. 250–261, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0024961>.

LYNER-CLEOPHAS, M. Assistive technology enables inclusion in higher education: the role of Higher and Further Education Disability Services Association. **African Journal of Disability**, v. 8, p. 558, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/ajod.v8i0.558>.

MAJOKO, T. Participation in higher education: voices of students with disabilities. **Cogent Education**, v. 5, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/2331186X.2018.1542761>.

MARTINS, S. E. S. O.; LEITE, L. P.; CIANTELLI, A. P. C. Mapeamento e análise da matrícula de estudantes com deficiência em três universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, spe, p. 15–23, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018033>.

MEEKS, L. M.; JAIN, N. R.; LAIRD, E. P. **Equal access for students with disabilities: the guide for health science and professional education**. 2. ed. New York: Springer Publishing, 2020.

MEYER, D.; ZEILEIS, A.; HORNIK, K.; GERBER, F.; FRIENDLY, M. **vcd: Visualizing Categorical Data**. Vienna: Comprehensive R Archive Network (CRAN), 2024. Software. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=vcd>. Acesso em: 20 maio 2026.

MORENO-RODRIGUEZ, R.; DIAZ-VEGA, M.; LOPEZ-BASTIAS, J. L.; ESPADA-CHAVARRIA, R. Online training in accessibility and design for all: a tool to train post-COVID inclusive graduates. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 23, p. 12582, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph182312582>.

MORI, A. A.; OROZCO, I. Health sciences and inclusive pedagogy: a qualitative study exploring educational practices for students with disabilities at Spanish universities. **Health Education Research**, v. 36, n. 3, p. 337–348, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/her/cyab017>.

MORIÑA, A. The keys to learning for university students with disabilities: motivation, emotion and faculty-student relationships. **PLoS One**, v. 14, n. 5, p. 1–15, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0215249>.

MORIÑA, A.; MOLINA, V. M.; CORTES-VEGA, M. D. Voices from Spanish students with disabilities: willpower and effort to survive university. **European Journal of Special Needs Education**, v. 33, n. 4, p. 481–494, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08856257.2017.1361138>.

NASCIMENTO, M. et al. Prevalence of persons with disability enrolled in undergraduate medical schools in Brazil. **Journal of Advances in Medical**

Education & Professionalism, v. 11, n. 4, p. 205–212, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.30476/JAMP.2023.99332.1840>.

NOGUEIRA, L. F. Z.; OLIVER, F. C. Accessibility centers in Brazilian federal institutions and contributions of occupational therapists for the inclusion of persons with disabilities in higher education. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 4, p. 859–882, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1743>.

PAPADAKAKI, M.; MARAKI, A.; BITSAKOS, N.; CHLIAOUTAKIS, J. Perceived knowledge and attitudes of faculty members towards inclusive education for students with disabilities: evidence from a Greek university. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 4, p. 2151, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph19042151>.

PAPADOPOULOS, K.; KOUSTRIAVA, E.; CHRONOPOULOU, E.; MOLINA-CARMONA, R.; MANGANELLO, F.; ISARAJ, L.; FOUNTOUKI, C.; FERNÁNDEZ GIL, J. M. Accessible educational material for higher education students with disabilities: knowledge and skills of teaching staff. **Social Sciences**, v. 14, n. 8, p. 489, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/socsci14080489>.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

R CORE TEAM. *R: a language and environment for statistical computing*. **Vienna: R Foundation for Statistical Computing**, 2025. Software. Disponível em: <https://cran.r-project.org>.

RIPLEY, B.; VENABLES, W. *nnet: feed-forward neural networks and multinomial log-linear models*. **Vienna: Comprehensive R Archive Network**, 2025. Software. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=nnet>.

SAKSENA, Y.; ALARCON, B. O.; SIMETEYS, P.; RAHMAN, R. N.; INGLEHART, M. R. Dental and allied dental students, staff, faculty, and administrators' cultural inclusivity considerations: results of the 2022 ADEA Climate Study. **Journal of Dental Education**, v. 89, n. 5, p. 623–636, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jdd.13725>.

SARRETT, J. C. Autism and accommodations in higher education: insights from the autism community. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 48, n. 3, p. 679–693, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3353-4>.

SCOTT, S. S.; MCGUIRE, J. M.; SHAW, S. F. Universal design for instruction: a new paradigm for adult instruction in postsecondary education. **Remedial and Special Education**, v. 24, n. 6, p. 369–379, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/07419325030240060801>.

SING, T.; SANDER, O.; BEERENWINKEL, N.; LENGAUER, T.; UNTERTHINER, T.; ERNST, F. G. M. **ROCR: Visualizing the Performance of Scoring Classifiers**.

Vienna: Comprehensive R Archive Network, 2020. Software. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=ROCR>. Acesso em: 20 maio 2026.

THE JAMOVİ PROJECT. **Jamovi**. Sydney: The Jamovi Project, 2025. Software. Disponível em: <https://www.jamovi.org>. Acesso em: 20 maio 2026.

VALLE-FLÓREZ, R. E. et al. Faculty of education professors' perception about the inclusion of university students with disabilities. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 21, p. 11667, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph182111667>.

VON ELM, E.; ALTMAN, D. G.; EGGER, M.; POCOCK, S. J.; GØTZSCHE, P. C.; VANDENBROUCKE, J. P. The Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE) statement: guidelines for reporting observational studies. **PLoS Medicine**, v. 4, n. 10, p. e296, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.0040296>.

9 APÊNDICES

9.1 APÊNDICE 1



Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

Este questionário faz parte da pesquisa **“Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência”** realizada pela mestrandia Maria Clara Fernandes Ribeiro Dantas aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de conhecer a experiência de professores de cursos de graduação em Odontologia do Brasil, em lecionar para pessoas com deficiência e identificar seus desafios profissionais. **O questionário apresenta APENAS 22 QUESTÕES. Parecer do CEP: 7.415.243. CAAE: 85304224.6.0000.5147.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da **pesquisa “Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência”**. Apesar da existência de regulamentações legais que favorecem o estudo de odontologia por estudantes com deficiência, a maioria das instituições de ensino superior ainda não têm feito ajustes adequados para acomodá-las. Assim, acredita-se na necessidade de ajuste do conteúdo curricular didático, adaptação nas aulas teóricas, laboratoriais e clínicas, melhora no treinamento de funcionários e professores, além de aprimoramento da infraestrutura das instituições para melhor comportar as necessidades desses indivíduos. O objetivo desse estudo será conhecer a experiência de professores de cursos de graduação em Odontologia do Brasil, em lecionar para pessoas com deficiência e identificar seus desafios profissionais.

Caso você concorde em participar, deverá responder a um questionário que é dividido em duas partes: Parte I, contendo 11 questões que abordarão informações sobre dados pessoais, características sociodemográficas e informações sobre o professor; Parte II, contendo 11 questões sobre experiências da docência em odontologia com estudantes com deficiência, programas de apoio e recursos disponíveis nas instituições de ensino.

Esta pesquisa apresenta risco mínimo para os participantes. O risco envolvido é a possibilidade de sentir-se constrangido ao responder as perguntas por ser julgado diante de suas respostas sobre experiências e condutas de abordagem a estudantes com deficiência; e de ser identificado ao responder o questionário com informações pessoais. Dessa

forma, os pesquisadores garantem o sigilo sobre a identificação e as informações referentes aos participantes, os questionários não serão identificados e os participantes poderão cancelar sua participação a qualquer momento. Além disso, as coordenações de cursos de graduação em Odontologia apenas irão encaminhar a apresentação da pesquisa com o link do questionário a todos os professores do curso por e-mail e não terão acesso às informações sobre quem participou e quais foram as respostas dos participantes.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança. O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos nesta pesquisa, terá o direito a buscar indenização.

Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Se tiver alguma dúvida, entre em contato com a pesquisadora responsável: Flávia Almeida Ribeiro Scalioni (flaviascalioni@hotmail.com). Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFJF, localizado no Campus Universitário da UFJF - Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. CEP: 36036-900. Fone: (32) 2102-3788. E-mail: cep.propp@ufjf.br

Ao clicar na opção “concordo”, abaixo, você declara que leu e compreendeu as informações acima e que concorda em participar da pesquisa. Nesse caso, recomendamos que você salve uma cópia deste termo de consentimento para quaisquer consultas necessárias futuramente. Se não quiser participar, basta fechar a página.

Ao clicar na opção “concordo”, abaixo, você declara que leu e compreendeu as informações acima e que concorda em participar da pesquisa. Nesse caso, recomendamos que você salve uma cópia deste termo de consentimento para quaisquer consultas necessárias futuramente. Se não quiser participar, basta fechar a página.

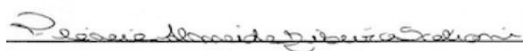
() **Eu declaro livre e esclarecidamente que desejo participar da pesquisa, fui devidamente informado a respeito dela e tive minhas eventuais dúvidas sanadas. ***

***Obrigatório**

Nome do Pesquisador Responsável: Flávia Almeida Ribeiro Scalioni Campus Universitário da UFJF

Faculdade/Departamento/Instituto: Faculdade de Odontologia/Departamento de Odontologia Social e Infantil/Universidade Federal de Juiz de Fora

**CEP: 36036-900
Fone: (32) 99102-3142
E-mail: flaviascalioni@hotmail.com**



Assinatura do(a) Pesquisador(a)

9. 2 APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO AUTOAPLICÁVEL ESTRUTURADO

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

** Indicates required question*

1. **Eu declaro livre e esclarecidamente que desejo participar da pesquisa, fui devidamente informado a respeito dela e tive minhas eventuais dúvidas sanadas.** *

Mark only one oval.☐ Sim

PARTE I – Dados pessoais, características sociodemográficas e informações sobre os docentes de instituições de Ensino Superior

2. **Sexo ***

Mark only one oval.

- ☐ Feminino
☐ Masculino
☐ Prefiro não declarar
☐ Outro

3. **Idade (POR FAVOR COLOQUE EM NÚMERO CORRIDO): ***

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

4. **Cor/raça: ****Mark only one oval.*

- ☐ Amarelo
- ☐ Branco
- ☐ Indígena
- ☐ Pardo
- ☐ Preto
- ☐ Prefiro não declarar
- ☐ Outro

5. **Qual nível de Ensino Superior você leciona? ****Mark only one oval.*

- ☐ Pós-graduação
- ☐ Graduação
- ☐ Graduação e Pós-graduação
- ☐ Prefiro não declarar

6. **Nome da Instituição em qual trabalha: ***

7. **Cidade em que leciona: ***

8. **Estado em que leciona: ***

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

9. **Em qual instituição de ensino você trabalha? ****Mark only one oval.*

- ☐ Privada
- ☐ Pública
- ☐ Pública e privada
- ☐ Prefiro não declarar

10. **Qual seu nível de escolaridade? ****Mark only one oval.*

- ☐ Graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Prefiro não declarar
- ☐ Outro

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

11. **Caso tenha especialização, qual seria sua especialização? ****Check all that apply.*

- ☐ Harmonização Facial
- ☐ Ortodontia
- ☐ Dentística
- ☐ Prótese
- ☐ Odontopediatria
- ☐ PNE
- ☐ Implantodontia
- ☐ Endodontia
- ☐ Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial
- ☐ Estomatologia
- ☐ Radiologia Odontológica e Imaginologia
- ☐ Odontogeriatría
- ☐ Odontologia Legal
- ☐ Odontologia do Trabalho
- ☐ Acupuntura
- ☐ Disfunção temporomandibular e dor orofacial
- ☐ Homeopatia
- ☐ Odontologia do esporte
- ☐ Odontologia hospitalar
- ☐ Patologia oral e maxilofacial
- ☐ Saúde Coletiva
- ☐ Prefiro não declarar
- ☐ Outro

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

12. **Qual matéria você leciona? (PODE SER SELECIONADO MAIS DE UMA OPÇÃO) ****Check all that apply.*

- ☐ Odontopediatria
- ☐ Pacientes com Necessidades Especiais
- ☐ Radiologia
- ☐ Anatomia Dental
- ☐ Implantodontia
- ☐ Ortodontia e Ortopedia
- ☐ Endodontia
- ☐ Cariologia
- ☐ Patologia
- ☐ Cirurgia
- ☐ Prótese
- ☐ DTM
- ☐ Parasitologia
- ☐ Dentística
- ☐ Periodontia
- ☐ Histologia
- ☐ Farmacologia
- ☐ Biossegurança
- ☐ Epidemiologia
- ☐ Saúde coletiva
- ☐ Prefiro não declarar
- ☐ Outro

PARTE II – Experiência dos professores com estudantes com deficiência

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

13. **Você teve algum treinamento de como lecionar para estudantes com deficiência? (QUALQUER TIPO DE DEFICIÊNCIA)** *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Prefiro não declarar
☐ Não sei

14. **Você tem experiência em lecionar para estudantes com deficiência?** *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Prefiro não declarar
☐ Não sei

15. **Você participou ou participa de algum programa de inclusão de estudantes com deficiência na sua instituição de ensino atual?** *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não participa/participou de nenhum programa de inclusão de estudantes com deficiência
☐ Prefiro não declarar
☐ Não sei

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

16. **A sua instituição de ensino atual oferece infraestrutura para atender as necessidades de estudantes com deficiência?** *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Prefiro não declarar
☐ Não sei

17. **A sua instituição de ensino atual oferece adaptações no ambiente clínico odontológico para estudantes com deficiência?** *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Prefiro não declarar
☐ Não sei

18. **Você conhece as possíveis dificuldade/altas habilidades que estudantes com deficiência podem ter com relação às aulas teóricas e a prática clínica na graduação?** *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Prefiro não declarar
☐ Não sei

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

19. **Se você tiver experiência em lecionar para estudantes com deficiência, você faz alguma adaptação nas atividades teóricas do curso de graduação para amenizar alguma dificuldade que possa acontecer dos seus estudantes com deficiência?** *

Check all that apply.

- ☐ Sim, adapto o material didático (ex.: ampliação da fonte, uso de recursos audiovisuais, materiais em braille ou digitais)
- ☐ Sim, ajusto a metodologia de ensino (ex.: uso de atividades mais interativas ou adaptadas às necessidades específicas)
- ☐ Sim, utilizo recursos tecnológicos (ex.: softwares de acessibilidade, leitores de tela)
- ☐ Não, não realizo adaptações.
- ☐ Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência
- ☐ Não sei

20. **Se você tiver experiência em lecionar para estudantes com deficiência, você faz alguma adaptação para seus alunos com deficiência durante o atendimento odontológico para amenizar cheiros, barulhos/ruídos, luzes e sensações táteis? (Marque as opções que se aplicam)** *

Check all that apply.

- ☐ Sim, forneço protetores auriculares ou utilizo técnicas para redução de ruídos
- ☐ Sim, utilizo iluminação indireta ou ajustável para amenizar o impacto das luzes
- ☐ Sim, adapto o ambiente para minimizar odores e estímulos sensoriais
- ☐ Sim, ofereço suporte tátil ou tábuas de comunicação para conforto
- ☐ Não, não realizo adaptações
- ☐ Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência
- ☐ Não sei

15/07/2025, 16:55

Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

21. **Se você tiver experiência em lecionar para estudantes com deficiência, você faz alguma adaptação para seus alunos com deficiência durante as provas práticas, teóricas e laboratoriais?** *

Check all that apply.

- ☐ Sim, aumento o tempo disponível para a realização das provas
- ☐ Sim, disponibilizo provas em formatos acessíveis (ex.: braille, áudio, letras ampliadas)
- ☐ Sim, permito o uso de tecnologias assistivas durante as provas
- ☐ Sim, faço ajustes no conteúdo ou nos critérios de avaliação
- ☐ Não, não realizo adaptações
- ☐ Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência
- ☐ Não sei

22. **Se você tiver experiência em lecionar para estudantes com deficiência, você faz alguma adaptação para seus alunos com deficiência durante aulas práticas laboratoriais?** *

Check all that apply.

- ☐ Sim, organizo o ambiente do laboratório para melhorar a acessibilidade (ex.: mesas ajustáveis, cadeiras adaptadas)
- ☐ Sim, forneço instruções individuais e suporte contínuo durante as práticas
- ☐ Sim, permito o uso de equipamentos e dispositivos assistivos
- ☐ Sim, adapto as tarefas ou instrumentos para atender às necessidades específicas dos estudantes
- ☐ Não, não realizo adaptações
- ☐ Não tenho experiência em lecionar para estudantes com deficiência
- ☐ Não sei

23. **Sinta-se à vontade para abordar aspectos importantes que não foram incluídos no questionário e que você acha que a comunidade científica deveria discutir sobre o tema da presente pesquisa.**

10 ANEXOS

10.1 ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiência de professores universitários no ensino odontológico para pessoas com deficiência

Pesquisador: Flávia Almeida Ribeiro Scallioni

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 85304224.6.0000.5147

Instituição Proponente: FACULDADE DE ODONTOLOGIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.415.243

Apresentação do Projeto:

As informações transcritas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa.

RESUMO:

"Apesar da existência de regulamentações legais que favorecem o estudo de odontologia por PCD, a maioria das instituições de ensino superior ainda não têm feito ajustes adequados para acomodá-las. Assim, acredita-se na necessidade de ajuste do conteúdo curricular didático, adaptação nas aulas teóricas, laboratoriais e clínicas, melhora no treinamento de funcionários e professores, além de aprimoramento da infraestrutura das instituições para melhor comportar as necessidades desses indivíduos. O objetivo desse estudo será conhecer a experiência de professores de cursos de graduação em Odontologia do Brasil, em lecionar para pessoas com deficiência e identificar seus desafios profissionais. A população a ser recrutada no estudo será composta por professores de cursos de graduação em Odontologia em instituições de ensino superior públicas e privadas do Brasil. A seleção das instituições será realizada a partir do cadastro no Ministério da Educação do Governo Federal. Nesta listagem, constam os relatórios de consulta pública de todas as faculdades de Odontologia ativas no Brasil. A coleta de dados será realizada de forma virtual a partir de um questionário online elaborado na plataforma GoogleForms."

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

UF: MG

Telefone: (32)2102-3788

CEP: 36.036-900

Município: JUIZ DE FORA

E-mail: cep.propp@ufjf.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 7.415.243

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO:

"Conhecer a experiência de professores de cursos de graduação em Odontologia do Brasil, em lecionar para pessoas com deficiência e identificar seus desafios profissionais."

OBJETIVO SECUNDÁRIO:

"-Investigar e quantificar o número de professores de cursos de graduação em Odontologia do Brasil, que possuem experiência em lecionar para pessoas com deficiência.

-Compreender as experiências profissionais dos professores de Odontologia por meio de um questionário construído pelos pesquisadores, analisando sua participação em atividades acadêmicas, interações sociais e acesso a recursos de apoio a estudantes com deficiência nas instituições de ensino superior que atuam.

-Identificar as dificuldades que os professores de Odontologia enfrentam durante suas atividades profissionais para pessoas com deficiência, incluindo desafios de avaliação, comunicação, interação social e adaptações físicas e sensoriais.

-Investigar a presença de programas de apoio e recursos disponíveis nas instituições de ensino superior em Odontologia do Brasil, para estudantes com deficiência.

-Investigar a disponibilidade e interesse de professores de cursos de graduação em Odontologia do Brasil, para capacitação a docência para estudantes com deficiência."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

"Esta pesquisa apresenta risco mínimo para os participantes. O risco envolvido é a possibilidade de sentir-se constrangido ao responder as perguntas por ser julgado diante de suas respostas sobre experiências e condutas de abordagem a alunos com deficiência; e de ser identificado ao responder o questionário com informações pessoais. Dessa forma, os pesquisadores garantem o sigilo sobre a identificação e as informações referentes aos participantes, os questionários não serão identificados e os participantes poderão cancelar sua participação a qualquer momento. Além disso, as coordenações de cursos de graduação em Odontologia apenas irão encaminhar a apresentação da pesquisa com o link do questionário a todos os professores do curso por e-mail e não terão acesso às informações sobre quem participou e quais foram as respostas dos participantes."

BENEFÍCIOS:

"Esta pesquisa fornecerá dados para as instituições de ensino superior, educadores e formuladores de políticas públicas que auxiliarão na compreensão das experiências de

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788

CEP: 36.036-900

E-mail: cep.propp@uff.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 7.415.243

professores de graduação de cursos de Odontologia brasileiros em lecionar para pessoas com deficiência. Além disso, os achados permitirão o desenvolvimento de estratégias eficazes para apoiar a educação, promovendo assim a inclusão e diversidade no campo da Odontologia. Ainda, esse estudo contribuirá para o avanço do conhecimento sobre a adaptabilidade do ensino em Odontologia para pessoas com deficiência."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, apresenta o tipo de estudo, número de participantes, critério de inclusão e exclusão, forma de recrutamento. As referências bibliográficas são atuais, sustentam os objetivos do estudo e seguem uma normatização. O cronograma mostra as diversas etapas da pesquisa, além de mostrar que a coleta de dados ocorrerá após aprovação do projeto pelo CEP. O orçamento lista a relação detalhada dos custos da pesquisa que serão financiados com recursos próprios conforme consta no campo apoio financeiro. A pesquisa proposta está de acordo com as normas definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens IV.6, II.11 e XI.2; e e na Norma Operacional CNS 001 de 2013. Itens: 3.4.1-6, 8, 9, 10 e 11; 3.3 - f; combinadas com o Manual Operacional para CEPs Item: VI - c.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as disposições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as normas definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com o que prevê o Manual Operacional para CEPs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com a regulamentação definida na Norma Operacional

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 E-mail: cep.prop@ufjf.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF**



Continuação do Parecer: 7.415.243

CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecidos na Res. 466/12 CNS e Norma Operacional N° 001/2013 CNS, segundo este relator, aguardando a análise do Colegiado. Data prevista para o término da pesquisa: 30/04/2026

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2451847.pdf	04/02/2025 14:21:20		Aceito
Outros	Cartadependencias.docx	04/02/2025 14:20:58	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	04/02/2025 09:08:26	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	04/02/2025 09:08:11	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_projeto_Flavia_Scalioni_assinado.pdf	08/11/2024 16:34:39	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	LattesFernanda.pdf	08/11/2024 16:34:16	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_infraestrutura_Projeto_Flavia_Scalioni_assinado.pdf	08/11/2024 16:33:21	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	termodesigilo_assinado.pdf	04/11/2024 15:55:33	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	questionario.docx	04/11/2024 15:55:01	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	MariaClar_Lattes.pdf	04/11/2024 15:54:34	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	Lattes_camila.pdf	04/11/2024 15:54:13	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	Lattes_Flavia.pdf	04/11/2024 15:53:45	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 E-mail: cep.propp@ufjf.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 7.415.243

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 27 de Fevereiro de 2025

Assinado por:

Iluska Maria da Silva Coutinho
(Coordenador(a))